

## VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* EM CONCÓRDIA - SC: O PAPEL DOS FATORES LINGUÍSTICOS E SOCIAIS

Lucelene Teresinha Franceschini \*

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo apresentar uma análise da variação pronominal *nós/a gente* em Concórdia – SC, destacando as variáveis linguísticas e sociais selecionadas como mais significativas no uso dessas formas pronominais. Este estudo está apoiado, especialmente, nos pressupostos da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). A pesquisa foi efetuada a partir de uma amostra de 24 informantes, distribuídos por sexo/gênero, duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio). Os resultados apresentados foram obtidos através da análise de um corpus com 1553 ocorrências dos pronomes *nós/a gente*: 783 casos de *a gente* e 770 de *nós*, o que corresponde a um percentual de aproximadamente 50% para cada um dos pronomes. Esses resultados frequenciais foram confrontados com os pesos relativos obtidos com o emprego do pacote de programas estatísticos VARBRUL (PINTZUK, 1988).

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação pronominal. *Nós/a gente*. Fatores linguísticos e sociais.

**ABSTRACT:** The present study aimed to provide an analysis of the *nós/a gente* pronominal variation in Concordia – SC, highlighting the linguistic and social variables that have been selected as the most significant when it comes to usage. This study is supported, specially, in the assumptions of *Linguistic Variation and Change Theory*, developed by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]) and Labov (2008 [1972]). The research was developed from a sample of 24 informants divided according to gender, two age ranges (26 to 45 years of age; 50 years of age and over) and three education levels (elementary school, middle school and high school). Results were obtained through analysis of a corpus with occurrences of the *nós/a gente* pronouns: 783 cases of *a gente* and 770 cases of *nós*, which corresponds approximately to a percentage of 50% of each of the pronouns. The resulting frequency was contrasted with relative weights obtained through the employment of VARBRUL statistical programs (PINTZUK, 1988).

**Keywords:** Sociolinguistic. Pronominal variation. *Nós/a gente*. Social and linguistic constraints.

---

\*Pós-doutoranda em Linguística - Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO (PNPD/CAPES), Guarapuava-PR. Contato: lucelef@bol.com.br

## Considerações iniciais

Os estudos sobre variação e mudança linguística, necessariamente, remetem a Labov e aos seus estudos, pois foi principalmente a partir de suas pesquisas (LABOV, 2008 [1972]) sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard e sobre a realização do /r/ em posição pós-vocálica na cidade de Nova York, realizadas em 1963 e 1966, respectivamente, que a teoria e a metodologia da Sociolinguística Variacionista desenvolveram-se.

Ao contrário do que preconizavam as principais teorias linguísticas da época, em seus estudos em Martha's Vineyard e em Nova York, Labov conseguiu detectar relações regulares onde estudos anteriores mostravam somente oscilação caótica ou intensa variação livre. Essas descobertas lhe permitiram, apesar das barreiras iniciais, postular uma série de princípios sociolinguísticos acerca das relações de variação estilística, estratificação social e avaliação subjetiva. Esses princípios apresentaram-se, então, como uma reação aos modelos anteriores, que não consideravam os fatores sociais na análise linguística. Labov enfatizou, principalmente, a relação entre língua e sociedade e a possibilidade de se sistematizar a variação existente na língua falada.

Em sua pesquisa sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard, Labov constatou que a variante conservadora, não-padrão predominava na comunidade, revelando uma atitude positiva em relação à ilha e diferenciando, assim, o falar nativo daquele dos turistas.

Em seguida, Labov realizou seu estudo sobre a estratificação social do /r/ em três lojas de departamentos<sup>2</sup>, de Nova York. Os resultados da análise demonstraram que, nessas lojas, a ausência do /r/ era estigmatizada socialmente e sua presença era considerada a variante de prestígio. Ainda mais significativo, a análise concluiu que o *status* social mais elevado de um falante correspondia ao uso mais frequente do [r]. Através desse e de outros estudos sobre a variação linguística, Labov comprovou que a língua, além de ser inerentemente variável, está intrinsecamente relacionada com o social. O autor se opõe à visão de que a comunidade de fala é normalmente homogênea, e a refutação desse princípio estabelece um novo objeto de análise linguística, que apresenta como característica essencial a heterogeneidade.

---

<sup>2</sup> Baseando-se na localização das lojas, na publicidade e nos preços, Labov classificou essas lojas como de *status* superior, *status* médio e *status* inferior.

Assim, os estudos sociolinguísticos passam a fornecer evidências da heterogeneidade inerente da linguagem e a demonstrar que a ocorrência de variação é sistemática, regular e ordenada. A partir destes estudos uma nova teoria da mudança foi desenvolvida e formalizada no texto programático da Sociolinguística, o *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, escrito entre 1966 e 1968 por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (doravante WLH), e traduzido para o português em 2006. Tendo como objetivo principal desenvolver um novo modelo teórico e formular uma nova orientação para a pesquisa linguística, esse texto de WLH fundamenta-se no estabelecimento de uma nova concepção de mudança linguística e, necessariamente, da própria língua: “Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada.” (WLH, 2006, p. 35). E é essa definição de língua, constituída por uma heterogeneidade ordenada que vai fundamentar os novos estudos sobre variação e mudança linguística.

No Brasil, a Sociolinguística se desenvolveu a partir da década de 1970, e o interesse pela língua falada e pelos fatores linguísticos e sociais condicionantes das variações no português do Brasil (PB) ganharam impulso nas décadas seguintes.

Em relação ao nosso objeto de estudo, a variação pronominal *nós/a gente*, um bom número de pesquisas têm sido realizadas sobre a introdução da forma *a gente*, como uma variante de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural *nós*, no quadro dos pronomes pessoais, enfatizando as variáveis linguísticas e sociais que condicionam tal variação.

### **Alguns estudos sobre a variação *nós/a gente* no português do Brasil**

A variação pronominal *nós/a gente* no português do Brasil (PB) já foi objeto de vários estudos e alguns desses estudos, que embasaram nossa pesquisa, serão brevemente apresentados a seguir.

O trabalho de Omena (realizado em 1986, publicado em 1996 e republicado em 1998) foi o primeiro a tratar da alternância *nós/a gente*. A autora analisou em sua pesquisa dados de 64 entrevistas do *Corpus Censo*, gravadas no início dos anos 80, da fala urbana da cidade do Rio de Janeiro. O *corpus* está dividido em quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais); três níveis de instrução (fundamental I, fundamental II e ensino médio) e sexo (masculino e feminino). Lopes (1998), baseando-se na pesquisa de Omena (1986), analisou a variação *nós/a gente* na posição de sujeito a partir de uma amostra de 18

entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) do Projeto NURC/Brasil. Seu estudo focalizou o uso dessas variantes por falantes com formação universitária completa de três regiões geográficas do Brasil: Rio de Janeiro (Sudeste), Porto Alegre (Sul) e Salvador (Nordeste). As entrevistas foram assim distribuídas: seis entrevistas por cidade, sendo uma de cada sexo pelas três faixas etárias: de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos e mais de 56 anos.

Mendonça (2010) analisou a variação pronominal *nós/a gente* em 40 entrevistas do PORTVIX (Projeto Português Falado na Cidade de Vitória– UFES), distribuídas em 4 faixas etárias (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 a 71 anos), gênero/sexo (masculino e feminino) e três níveis de escolaridade (ensino fundamental - 1 a 8 anos, ensino médio - 9 a 11 anos e universitário - completo ou incompleto).

Em Goiás, Mattos (2013) analisou a alternância de uso das formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal em dados de fala de 55 pessoas, sendo 51 falantes de 20 municípios goianos, dois falantes naturais do DF, mas com parentes e moradia em Goiás, e dois falantes naturais de outros estados, mas moradores de longa data em Goiás. Os informantes tinham no mínimo 10 anos de escolarização e a amostra foi subdividida em três faixas etárias: dos 16 aos 24 anos, dos 25 aos 40 anos e dos 41 aos 86 anos de idade.

Na região Sul, Seara (2000) analisou a variação *nós/a gente* na posição de sujeito a partir de uma amostra de 12 entrevistas do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) de Florianópolis, distribuídas por sexo (masculino e feminino), três faixas etárias (15 a 24 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos) e dois níveis de escolaridade (fundamental I e ensino médio). Tamanine (2002), também nos dados do VARSUL, analisou essa variação pronominal em 24 entrevistas, de cada uma das seguintes cidades do interior de Santa Catarina: Blumenau, Lages e Chapecó. Os informantes foram divididos em duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos), sexo (masculino e feminino) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio). E em 2010, essa autora analisou a variação *nós/a gente* em Curitiba, também nos dados do VARSUL.

Já Borges (2004), no Rio Grande do Sul, analisou a variação *nós/a gente* em 60 entrevistas, 24 referentes à cidade de Jaguarão (Banco de dados: BDS Pampa) e 36 de Pelotas (VarX). Nas entrevistas, os informantes foram divididos em três faixas etárias (16 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos).

Esses trabalhos sobre a variação *nós/a gente*, dentre outros, mostraram que o uso dessas variantes apresenta alguns resultados que indicam uma mesma tendência em diferentes regiões do Brasil. Em relação à análise da influência da *faixa etária* no uso dos pronomes, embora as pesquisas apresentem diferentes grupos etários, isso não impede que se percebam

indícios de uma mudança em progresso, pois os resultados obtidos em todos esses estudos apontam os falantes mais jovens como favorecedores do pronome inovador *a gente*; já em relação ao fator *sexo*, as mulheres também aparecem, na maioria dos trabalhos, como favorecedoras do pronome inovador, não apresentando restrições quanto ao seu uso, o que parece indicar que a forma *a gente* é não-marcada, ou seja, aparentemente não apresenta nenhuma valoração negativa nas localidades analisadas.

Os trabalhos apresentados aqui, além de resultados bastante significativos para o conhecimento da variação pronominal *nós/a gente* no português do Brasil, contribuíram para o estabelecimento de determinadas linhas de pesquisa e nortearam vários estudos realizados posteriormente sobre essa variação pronominal, inclusive o nosso.

Após essa breve explanação sobre alguns dos estudos já realizados sobre a variação pronominal *nós/a gente*, apresentamos algumas características da comunidade de fala analisada, assim como os resultados da análise do uso dessas variantes nos dados de Concórdia – SC.

### **Características da comunidade de fala**

A cidade de Concórdia localiza-se no oeste do Estado de Santa Catarina e foi colonizada, a partir de 1922, por descendentes de imigrantes italianos e alemães provenientes em sua grande maioria do Rio Grande do Sul. A cidade possui uma população de 68.627 habitantes (IBGE - 2010), sendo que aproximadamente 28% encontram-se na área rural e 72% na área urbana.

Desde o início do povoamento houve certa tendência a reunir em determinadas áreas famílias que tivessem as mesmas origens. Assim, em algumas localidades rurais predominam, ainda hoje, descendentes de italianos e, em outras, descendentes de alemães. Nessas áreas rurais percebe-se ainda a influência cultural e linguística dos países de origem, já na área urbana a situação linguística apresenta-se visivelmente mais homogênea, as tradições e línguas de origem praticamente desapareceram, tanto na população de origem italiana, quanto na de origem alemã. Ressalta-se, no entanto, que a cidade em questão apresenta ainda uma forte base agrícola e boa parte de sua população nasceu nos arredores da área urbana, ou seja, nas comunidades agrícolas que circundam a cidade.

Considerando a situação linguística do município, a pesquisa foi realizada somente na área urbana. Procuramos selecionar informantes pertencentes às várias origens, mas sem

classificar essas origens como uma variável no presente estudo, pois cremos que a etnia não se mostra, aqui, como fator condicionante no uso dos pronomes pessoais *nós/a gente*.

### A variação *nós/a gente* em Concórdia - SC

A amostra de Concórdia (SC), analisada no presente estudo, foi constituída por 24 entrevistas, coletadas entre os anos de 2007 e 2010 pela própria pesquisadora e distribuídas por duas faixas etárias (26 a 45 anos; 50 anos ou mais), sexo (masculino; feminino) e três níveis de escolaridade (fundamental I; fundamental II; ensino médio).

Neste trabalho, como variável dependente controlamos as variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito. A variável dependente, conforme mostram os exemplos de 1 a 4, ficou assim estabelecida:

#### a) *A gente* explícito/implícito

(1) Sim, sim, ***a gente*** gosta de morá aqui na cidade. Acho que pra se mudá também é difícil, né? porque ***a gente*** já fez o pé de meia aqui, daí ***a gente*** tá aqui...tá aqui, né? (FP2s)<sup>3</sup>

(2) ***A gente*** tem que pensá, sei lá, até se ***Ø*** quisesse dava, ma ***a gente*** já tem poca coisa, qué dizê, poco não, ***Ø*** tem bastante, né? só que... ah, vô ganhá uns troquinho das fêria, vô ajeitá a casa... (MG1e)

No exemplo (1) a entrevistada fala sobre o fato de morar na cidade e recorre ao uso do pronome *explícito* '*a gente*' para referir-se a ela e ao marido; no exemplo (2) o falante, referindo-se a ele e à mulher, explica a razão pela qual não viajam nas férias. Ele inicia seu discurso com *a gente explícito* e na sequência alterna o uso de *a gente implícito(Ø) /explícito/ implícito(Ø)*, sempre com o mesmo referente.

#### b) *Nós* explícito/implícito

(3) Então, na verdade ***nós*** fizemos na época mais de trezentos mil de dívida pagando juro. E aí ficô até hoje, ***nós*** não terminamo de pagá ainda. (MS2c)

(4) Daí o pai deu o lotezinho, ***nós*** fizemo *a* casa, que esses ano não tinha como alugá casa, tinha que se fazê, né? daí ***Ø*** fizemo a casinha, ***Ø*** fomo morá lá. (FG2t)

---

<sup>3</sup>As siglas nos exemplos correspondem à descrição dos informantes: *sexo* (M – Masculino e F – Feminino); *escolaridade* (P – Fundamental I, G – Fundamental II, S – Ensino Médio); *faixa etária*: (1 – 26 a 45 anos e 2 – 50 anos ou mais). As letras *a – z* identificam o informante.

O exemplo (3) ilustra a presença do pronome *nós*, em que o entrevistado, ao falar sobre a construção de seu mercado e da dívida que contraiu para tanto, usa o pronome *nós explícito* para referir-se a ele e a seus sócios no empreendimento. No exemplo (4), a entrevistada fala sobre os lugares onde ela e o marido moraram desde o casamento, ela inicia seu discurso com o *nós explícito* e na sequência usa várias vezes o *nós implícito*, que é facilmente detectado pela desinência verbal *-mo(s)*.

As variáveis independentes foram divididas em dois grupos: as linguísticas e as sociais. Entre as variáveis linguísticas, foram consideradas as seguintes: determinação do referente, tipo de discurso, tipo de verbo, tipo de texto, tempo verbal e concordância verbal. Os fatores sociais condicionantes testados foram: faixa etária, sexo e escolaridade.

A seguir, apresentamos os resultados da análise da variação pronominal *nós/a gente* na amostra de Concórdia – SC (24 entrevistas). Esta pesquisa segue a metodologia da Sociolinguística Variacionista e para a análise estatística dos dados utilizamos o pacote do programa VARBRUL (PINTZUK, 1988).

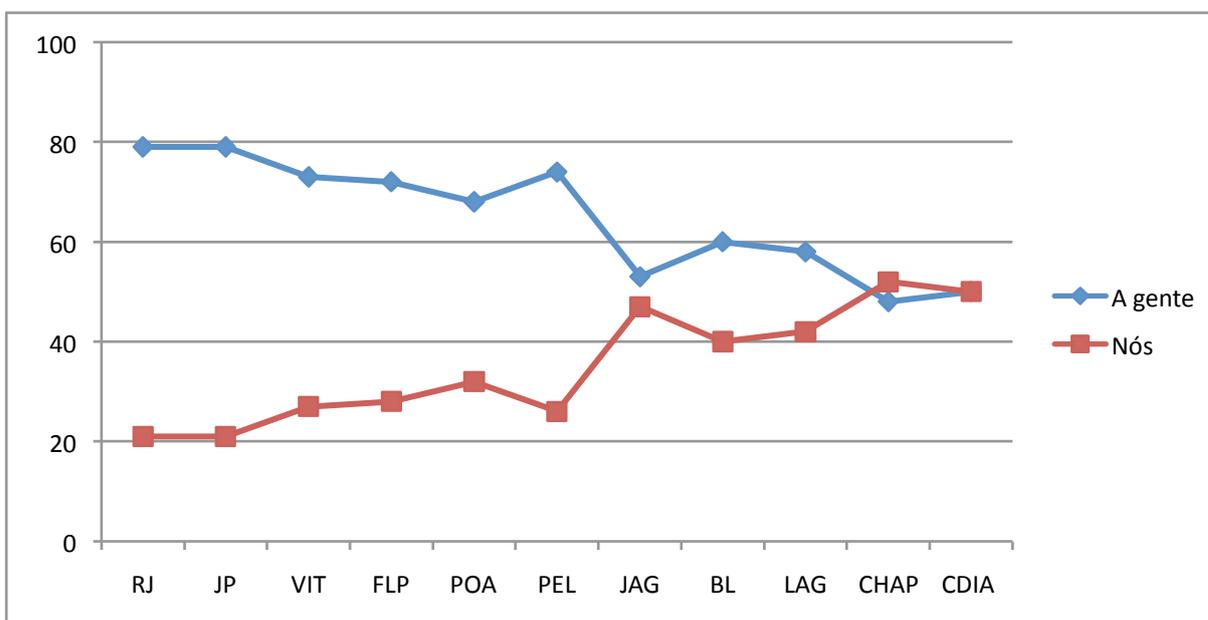
### **Resultados da variação pronominal *nós/a gente* em Concórdia – SC**

A análise geral dos dados de Concórdia mostrou uma distribuição equilibrada no uso dos pronomes *nós* e *a gente*, pois, de um total de 1.553 ocorrências, entre formas *explícitas* e *implícitas*, obtivemos 783 casos de *a gente* e 770 de *nós*, o que corresponde a um percentual de aproximadamente 50% para cada um dos pronomes. Considerando somente as formas *explícitas*, o total é de 1.196 ocorrências, sendo 702 (59%) de *a gente* e 494 (41%) de *nós*, resultado que parece indicar que o uso do pronome inovador *a gente* já começa a ultrapassar o uso do pronome *nós* como referência à primeira pessoa do plural em Concórdia.

Em relação à *explicitação do pronome*, ou seja, ao *preenchimento* ou não do sujeito, observamos em nossa amostra que o pronome *a gente* apresenta 10% de não-preenchimento do sujeito, e o *nós*, cuja desinência verbal é marcada, apresenta uma maior percentagem de pronome implícito (36%). Este resultado, que indica um maior preenchimento do sujeito com o pronome *a gente*, reforça a ideia de que a desinência verbal não marcada estaria conferindo ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa, daí sua presença cada vez mais constante.

A fim de compararmos o uso dos pronomes *nós/a gente* em Concórdia ao obtido em outras localidades, apresentamos os resultados de diferentes pesquisas no gráfico 1:

Gráfico 1: Percentuais de uso da forma *a gente* em diferentes localidades<sup>4</sup>



Podemos observar que as cidades de Chapecó e Concórdia apresentaram praticamente o mesmo uso do pronome *a gente*, e o menor uso dentre as localidades analisadas (48% e 50%, respectivamente), seguidas por Jaguarão, com 53% de *a gente*. Esse uso relativamente baixo do pronome inovador *a gente* em Concórdia, assim como em Chapecó e Jaguarão, pode ser possivelmente explicado pela formação mais recente, mais rural e pela localização mais interiorana – oeste de Santa Catarina (Concórdia e Chapecó) e extremo sul do Rio Grande do Sul (Jaguarão) – dessas cidades, o que as levaria a uma rede mais fechada de relações e a uma menor pressão de fatores externos do que as outras. Segundo Zilles (2007, p.37), “o encaixamento sociolinguístico revela maior difusão da mudança nos grandes centros, enquanto nas localidades menores, mais rurais, em que há contato linguístico e/ou bilinguismo, o ritmo parece ser mais lento.”

Deve-se destacar, no entanto, que as pesquisas apresentadas no gráfico 1 analisaram diferentes faixas etárias, o que também pode ter influenciando nos resultados obtidos. Nas amostras do Rio de Janeiro, Vitória, Florianópolis, Pelotas e Jaguarão foram analisadas também faixas etárias mais jovens (de 07 a 15 anos e/ou de 15 a 25 anos), e essas localidades,

<sup>4</sup> Legendas: RJ: Rio de Janeiro (amostra 2000, Omena, 2003); JP: João Pessoa (Fernandes, 1999); VIT: Vitória (Mendonça, 2010); FLP: Florianópolis (Seara, 2000); POA: Porto Alegre (Zilles, 2007); PEL: Pelotas (Borges, 2004); JAG: Jaguarão (Borges, 2004); BL: Blumenau, LAG: Lages, CHAP: Chapecó (Tamanine, 2002); CDIA: Concórdia (Autor, 2011).

exceto Jaguarão, localidade menor e mais interiorana, apresentaram um uso mais elevado do pronome inovador *a gente*.

Nas amostras que incluíram somente as faixas etárias de 25 a 49 anos e de mais de 50 anos (Porto Alegre, Blumenau, Lages, Chapecó e Concórdia), também observamos que as características da comunidade parecem influenciar nos usos, pois Porto Alegre, capital e maior centro urbano, apresentou 68% de uso de *a gente*, seguida por Blumenau (60%) e Lages (58%) e, com um menor uso do pronome inovador estão Chapecó e Concórdia (48% e 50%, respectivamente), cidades menores e mais interioranas. Assim, embora a análise de faixas etárias mais jovens na amostra resulte num maior uso do pronome inovador *a gente*, parece inegável a influência do tipo de comunidade, se maior e mais central ou menor e mais interiorana, no comportamento linguístico dos falantes.

### **Análise das variáveis selecionadas**

Apresentamos, a seguir, a análise da variação *nós/a gente* a partir dos resultados obtidos em rodada geral do programa VARBRUL. Nessa rodada foram selecionadas as seguintes variáveis independentes, por ordem de significância: determinação do referente, tempo verbal, tipo de discurso, tipo de verbo, tipo de texto, faixa etária e escolaridade.

Já na primeira rodada do VARBRUL a concordância verbal foi retirada da análise, pois se verificou que em todas as ocorrências com o pronome *a gente* a forma verbal apresentou-se não marcada (*a gente* - Ø), ou seja, não houve variação na concordância verbal com o pronome *a gente*, o que levou à retirada dessa variável – a concordância verbal – da rodada. Quanto ao pronome *nós*, os casos de não-concordância verbal foram somente nas ocorrências de infinitivo (11 ocorrências com *nós*), cuja concordância é, de fato, extremamente rara na língua falada; e no pretérito imperfeito (81% de não concordância: '*nós morava lá*'), confirmando a tendência geral no português de acentuar a penúltima sílaba, evitando assim as palavras proparoxítonas.

Na seleção das variáveis pelo programa estatístico, foram as variáveis linguísticas que ocuparam posições mais significativas, sendo que a *determinação do referente*, o *tempo verbal*, o *tipo de discurso*, o *tipo de verbo* e o *tipo de texto* foram selecionadas em 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> posição, respectivamente. As variáveis sociais, *faixa etária* e *escolaridade*, foram selecionadas em 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> posição, e a variável *sexo* não foi selecionada pelo programa estatístico, o que significa que, em nossa amostra, essa variável não se mostrou significativa no uso de *nós/a gente*. A partir dos resultados do programa estatístico pode-se constatar

também que o uso pronome inovador *a gente*, apesar de não muito elevado (*input* de .52) começa a ultrapassar o uso do pronome canônico *nós* na fala de Concórdia.

### **Análise das variáveis linguísticas**

A *determinação do referente* foi a variável selecionada como a mais significativa em nossos dados. Considerando que a indeterminação do sujeito manifesta-se nos casos em que não podemos determinar claramente o referente, classificamos, de um lado, os pronomes *nós/a gente* usados como recursos de *indeterminação* e, de outro, essas mesmas formas quando apresentando uma referência *determinada*.

Nos exemplos abaixo, retirados da amostra de Concórdia, podemos identificar o uso dos pronomes *nós* e *a gente* com referente *determinado* (5) e *indeterminado* (6) e (7). No exemplo (5), a referência dos pronomes *nós* e *a gente* é facilmente detectada, pois a entrevistada usa *a gente* e depois *nós* para referir-se a ela e ao marido.

(5) Daí fora disso, também... às vezes ***a gente*** vai pra Piratuba, né? Itá ***nós*** fomos também, ***nós*** saímos bastante. (FS2j)

Já nos exemplos (6) e (7) a referência dos pronomes amplia-se: no exemplo (6), o assunto é sobre a infraestrutura do município, o uso do pronome *nós* torna-se mais abrangente, o que é reforçado pelo uso do indeterminador *o cara*. No exemplo (7), a entrevistada usa *a gente* referindo-se às pessoas de um modo geral, o que torna impossível a identificação de um referente específico.

(6) Funciona, funciona sim, porque hoje o que ***nós*** temo aí, tá loco... não tem o que *o cara* se queixá, *tu* vai vê tantos lugar que tem, não tá ruim não. Tem alguma coisinha, isso sempre tem, né? (MG2b)

(7) É, o SUS (...) Sistema Único de Saúde, ***a gente*** chama de SUS, né? (FS11)

Destaca-se aqui que os pronomes determinados representaram 87% dos dados, o que acreditamos estar relacionado aos assuntos abordados nas entrevistas, pois os informantes eram incitados a falar sobre família, amigos, férias, viagens, etc., ou seja, temas que propiciavam, principalmente, o uso dos pronomes *nós/a gente* determinados, isto é, com referentes específicos. Os seguintes resultados foram obtidos na análise da determinação do referente:

Tabela 1 – Resultados de *nós* / *a gente* na posição de sujeito – Determinação do referente

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N <sup>5</sup>	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
<b>Determinação do referente</b>						
- indeterminado	28/202	14	.17	174/202	86	.83
- determinado	742/1.351	55	.56	609/1.351	45	.44

Na tabela, observa-se que o peso relativo do pronome *a gente* é bem mais elevado na indeterminação (.83), resultado que atesta o predomínio de *a gente* nesse contexto. Este resultado corrobora os de Omena (1998), Lopes (1998), Mendonça (2010), Seara (2000), Tamanine (2002, 2010) e Borges (2004), pois em todos esses trabalhos o pronome *a gente*, em relação a *nós*, predominou no campo da indeterminação. Assim, como diversos estudos já evidenciaram, há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a uso mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), ou a ele mesmo mais a não-pessoa (ele(s)): referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*.

Os resultados de nossa amostra, portanto, corroboram os de outros trabalhos, pois apresentam maiores índices percentuais e de peso relativo para o emprego genérico e impessoal (indeterminado) de *a gente* e índices mais baixos para o emprego desse pronome com referência específica (determinada).

Em contexto de determinação, o pronome *nós* foi favorecido (.56), embora *a gente* já apresente um uso bastante significativo (.44). Alguns estudos de tendência também apresentaram resultados relevantes para a sustentação da hipótese em favor do aumento do uso de *a gente* com referente determinado. Omena (2003), no Rio de Janeiro, verificou um aumento do uso de *a gente* na determinação: de 67% na década de 1980, passou para 80% na década de 2000. Esses resultados, embora em percentagens, indicam um aumento significativo no uso de *a gente* também no campo da determinação no PB.

A determinação do referente tem se destacado, portanto, como uma variável relevante para a escolha do pronome. Apesar da correspondência apontada entre *nós* e *a gente* na indicação de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, a análise dessas duas formas feita a partir vários trabalhos indica que *a gente* é mais utilizado quando o referente é indeterminado, e vem apresentando um aumento significativo de uso também em contextos determinados.

<sup>5</sup> Na tabela, lê-se: Aplic. (aplicação): número de ocorrências da variante em análise; N: número total de ocorrências (de ambas as variantes).

Em relação à 2.<sup>a</sup> variável selecionada, o tempo verbal, os seguintes resultados foram obtidos:

Tabela 2 – Resultados de *nós* / *a gente* na posição de sujeito – Tempo verbal

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
<b>Tempo verbal</b>						
- infinitivo	11/35	31	.33	24/35	69	.67
- presente ind.	381/896	43	.42	515/896	57	.58
- pret. imperf. Ind.	105/235	45	.44	130/235	55	.56
- pret. perf. Ind.	271/369	73	.74	98/369	27	.26

Considerando a atuação da segunda variável selecionada, o *tempo verbal*, na escolha da variante, verificamos que o pronome *a gente* apresenta maior probabilidade de uso com o infinitivo (.67), o presente (.58) e o pretérito imperfeito do indicativo (.56). O pretérito perfeito desfavorece esse pronome (.26), apresentando uma elevada probabilidade de aplicação do pronome *nós* (.74). Esses resultados indicam que o infinitivo, o presente e o pretérito imperfeito favorecem o uso do pronome inovador *a gente*, e o pretérito perfeito favorece a manutenção do pronome canônico *nós*.

Nossos resultados foram parcialmente semelhantes aos encontrados por Omena (1998) e Lopes (1998) na análise do tempo verbal. No trabalho de Omena (1998) sobre a fala urbana do Rio de Janeiro (*corpus* Censo), e no de Lopes (1998), sobre o falar culto (dados do NURC) do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador conjuntamente, os tempos *não marcados*, ou seja, o infinitivo e gerúndio, bem como o presente, apresentaram maior probabilidade para o uso de *a gente*. Já o pretérito perfeito, nos dados dessas autoras e também nos dados de Concórdia, mostrou-se como um tempo favorecedor do emprego de *nós*. Omena (1998) observou que os tempos verbais mais marcados (passado e futuro) tendem a refrear a mudança; os menos marcados (formas nominais e presente) a impulsionam, favorecendo o uso de *a gente*. Menon (2006) e Lopes (1998) também constataram em seus estudos que os maiores pesos relativos para o uso de *a gente* ocorreram no presente do indicativo e em formas nominais (infinitivo e gerúndio). Segundo Menon (2006, p.139), “é sobretudo o presente atemporal o tempo da indeterminação”, o que indica que o presente, que pode ser utilizado para indicar aspectos como *habitualidade* e *momentaneidade* seria um tempo verbal favorável ao emprego do pronome *a gente*.

Na análise do *tipo de discurso*, consideramos os seguintes fatores: a) *discurso direto*, b) *discurso reportado de terceiros* e c) *discurso reportado do próprio falante*. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela 3 – Resultados de *nós /a gente* na posição de sujeito – Tipo de discurso

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
<b>Tipo de discurso</b>						
- direto	749/1.529	49	.49	780/1.529	51	.51
- reportado de terceiros	19/22	86	.95	3/22	14	.05

Verificamos que essa variável apresentou no discurso direto um resultado próximo do ponto neutro (.51), indicando praticamente a mesma probabilidade de uso para *a gente* e *nós*. Apesar do reduzido número de dados (22), no *discurso reportado de terceiros* o uso do pronome *nós* predominou largamente (.95), já o *discurso reportado do próprio falante* apresentou somente duas ocorrências com *nós*, sendo retirado da rodada. Nota-se, portanto, uma distribuição equilibrada dos pronomes *nós* e *a gente* no discurso direto e o domínio de *nós* no discurso reportado, ou seja, na retomada da fala, quando o falante assume o discurso do outro, esse é o pronome mais usado.

Esses resultados aproximam-se daqueles encontrados por Tamanine (2010) em Curitiba, onde o *discurso direto* apresentou um peso relativo para *a gente* próximo do ponto neutro; já os resultados para o *discurso reportado do próprio informante e de terceiros* favoreceram de maneira acentuada o uso de *nós*, indicando, segundo a autora, a especialização do *nós* nesses contextos.

Em relação ao *tipo de verbo*, variável que considera a classificação semântica do verbo e 4.º grupo selecionado na rodada geral, os seguintes fatores foram controlados:

- a) verbos *dicendi* (dizer, falar, contar, explicar, etc.);
- b) verbos epistêmicos (pensar, saber, conhecer, acreditar, lembrar, etc.);
- c) verbos de ação (trabalhar, estudar, viajar, vender, etc.);
- d) verbos de estado (ser, estar, ficar, permanecer, etc.).

Os resultados obtidos para essa variável foram os seguintes:

Tabela 4 – Resultados de *nós* / *a gente* na posição de sujeito – Tipo de verbo

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
<b>Tipo de verbo</b>						
- dicendi	22/100	22	.29	78/100	78	.71
- epistêmico	27/110	25	.40	83/110	75	.60
- ação	521/1.002	52	.50	481/1.002	48	.50
- estado	200/341	59	.60	141/341	41	.40

Na tabela 4, verifica-se que os verbos *dicendi* e *epistêmicos* favorecem o uso de *a gente* (.71 e .60, respectivamente), já os verbos de *estado* desfavorecem esse pronome, favorecendo o uso de *nós* (.60). Os verbos de *ação* apresentam a mesma probabilidade de uso para *nós* e *a gente* (.50).

O predomínio do pronome *nós* com os verbos de *estado* pode estar relacionado, conforme destacou Tamanine (2002, p.79), ao maior número de ocorrências de verbos no *presente do indicativo* e flexionados com *-mos*: *somos*, *estamos* e *ficamos*, pois estes verbos, com alta frequência de uso, poderiam de certa forma inibir a entrada do pronome inovador *a gente*. A fim de comprovarmos essa hipótese, analisamos o emprego dos *verbos de estado* e constatamos que também em nossos dados o pronome *nós* apresenta uma elevada frequência de uso com os verbos *ser* (78%) e *estar* (72%). O verbo *ficar*, no entanto, apresenta uma distribuição equilibrada entre os pronomes *nós* e *a gente*.

Constata-se, então, que os resultados para o *tipo de verbo* nos dados de Concórdia apontam as mesmas tendências que as obtidas por Tamanine (2002) nos resultados de Lages, Blumenau e Chapecó: os verbos de *estado* favoreceram o uso de *nós* e os verbos *dicendi* e *epistêmicos* favoreceram *a gente*; já os verbos de *ação* apresentaram um peso relativo próximo do ponto neutro, ou seja, a mesma probabilidade de uso para os pronomes *nós* e *a gente*.

Em relação ao *tipo de texto*, variável selecionada em 5.<sup>a</sup> posição na ordem de significância, verificamos que o pronome *nós* apresenta uma maior probabilidade de uso nos textos *descritivos* (.61); já os textos *dissertativos* e *narrativos* apresentaram um uso levemente superior de *a gente* (.54 e .52, respectivamente), embora próximo do ponto neutro.

Tabela 5 – Resultados de *nós /a gente* na posição de sujeito – Tipo de texto

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
<b>Tipo de texto</b>						
- dissertativo	132/373	35	.46	241/373	65	.54
- narrativo	461/867	53	.48	406/867	47	.52
- descritivo	173/308	56	.61	135/308	44	.39

Os resultados de Concórdia são semelhantes aos encontrados nos dados de Curitiba, por Tamanine (2010), onde os textos *descritivos* favoreceram o uso do pronome *nós* (.75) e os *narrativos* apresentaram uma mesma probabilidade de uso para *nós* e *a gente* (.50), já os textos *dissertativos* favoreceram o uso de *a gente* (.58).

O maior uso de *a gente* nos textos *dissertativos*, embora não muito elevado nos resultados de Concórdia, era esperado, pois na *dissertação*, quando o falante expõe suas opiniões sobre determinado assunto, se pressupõe uma maior tendência à *indeterminação* do sujeito. Generalizando o sujeito, o falante não assume a total responsabilidade pelas suas opiniões, ele se dilui numa generalidade, daí o maior uso de *a gente*, pronome mais utilizado nesses contextos. Os *textos descritivos* (com alta ocorrência do verbo *ser, estar*) favorecem o *nós* e nos textos *narrativos* o peso relativo encontra-se próximo do ponto neutro, o que parece indicar que o uso de *nós* e *a gente* está em plena variação nesse ambiente.

### **Análise das variáveis sociais**

As variáveis sociais selecionadas na análise de nossa amostra foram a *faixa etária* e a *escolaridade*, em 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> posição, respectivamente. A variável *sexo* não foi selecionada pelo programa estatístico, o que indica que essa variável não se mostrou significativa no uso dos pronomes *nós/a gente* em Concórdia – SC.

A *faixa etária*, selecionada em 6.<sup>a</sup> posição, apontou uma tendência ao favorecimento da forma inovadora *a gente* pelos falantes mais jovens, o que parece indicar um possível indício de mudança em tempo aparente. A tabela 6 apresenta os resultados obtidos para a faixa etária:

Tabela 6 – Resultados de *nós /a gente* na posição de sujeito – Faixa etária

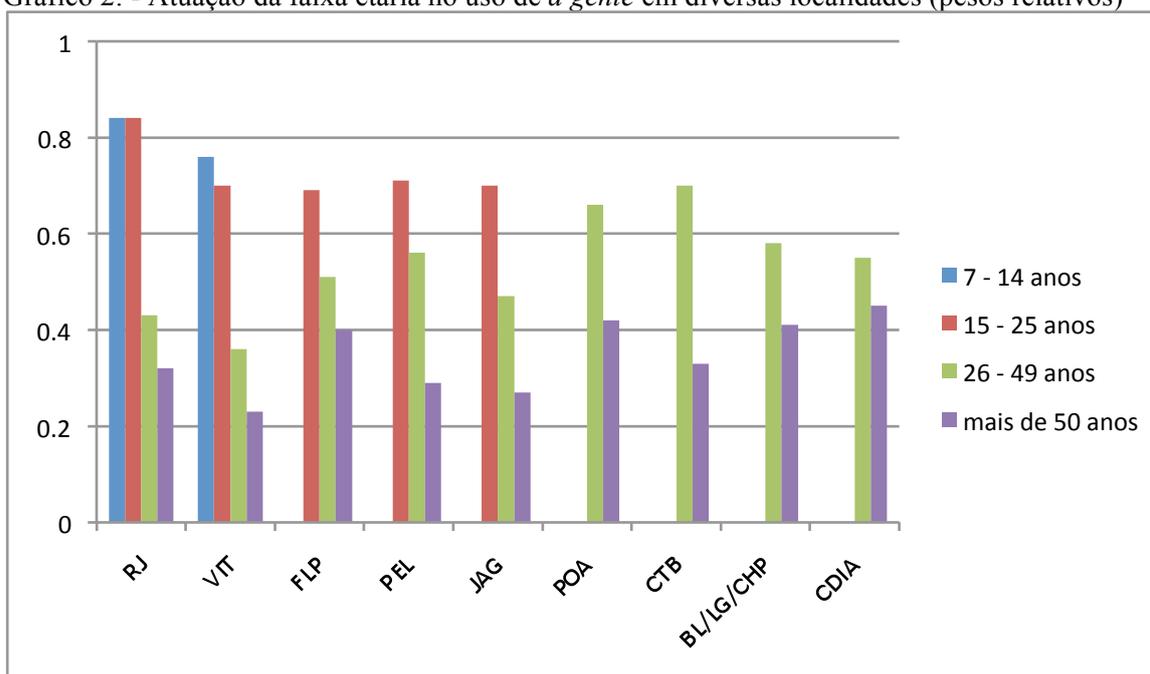
Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
<b>Faixa etária</b>						
- 26 a 45 anos	359/805	45	.45	446/805	55	.55
- 50 anos ou mais	411/748	55	.55	337/748	45	.45

Os resultados mostram que os falantes *mais jovens* favorecem o uso do pronome inovador *a gente* (.55) na mesma proporção em que os *mais velhos* favorecem a manutenção do pronome conservador *nós* (.55).

A análise da faixa etária nos trabalhos de Omena (1998, 2003), Seara (2000), Tamanine (2002, 2010), Borges (2004), Mendonça (2010) e Mattos (2013), também já confirmou a hipótese de que os falantes *mais jovens* tendem a utilizar mais a forma inovadora *a gente*. Embora as faixas etárias analisadas nessas pesquisas não sejam exatamente as mesmas, seus resultados convergem numa mesma direção: os falantes *mais velhos* favorecem a manutenção do pronome conservador *nós*, e os falantes *mais jovens* favorecem o uso do pronome inovador *a gente*, impulsionando a mudança.

No entanto, considerando a significativa diferença no uso geral de *nós/a gente* nas várias localidades analisadas, conforme mostrou o gráfico 1, poderíamos supor que não somente a localização mais interiorana e as características mais rurais de determinadas comunidades resultem em um menor uso do pronome inovador *a gente*, mas também as diferentes faixas etárias analisadas nas pesquisas realizadas. O gráfico 2 apresenta os resultados da análise da faixa etária em diferentes localidades:

Gráfico 2: - Atuação da faixa etária no uso de *a gente* em diversas localidades (pesos relativos)



A partir do gráfico 2 podemos observar, nas amostras que incluíram as faixas etárias de 07 a 14 anos e 15 a 25 anos, que o uso do pronome inovador foi mais elevado nessas faixas etárias. O uso de *a gente* na faixa etária de 7 a 14 anos, considerada somente nas amostras do Rio de Janeiro e de Vitória, foi de .84 e de .76, respectivamente. Já na faixa etária de 15 a 25 anos, o uso desse pronome foi de .84 no Rio de Janeiro e .70 em Vitória. Em outras localidades, que também consideraram a faixa etária de 15 a 25 anos, o uso do pronome inovador nessa faixa etária foi o mais elevado: Florianópolis: .69, Pelotas: .71 e Jaguarão: .70. Observamos, assim, que independente das características da localidade – maior e mais central ou menor e mais interiorana – quanto mais jovens os falantes, maior o uso do pronome inovador *a gente*.

Na faixa etária de 26 a 49 anos, Rio de Janeiro, Vitória e Jaguarão desfavoreceram a forma inovadora, com pesos relativos de .43, .36 e .47, respectivamente. Florianópolis apresentou um uso de *nós/a gente* próximo do ponto neutro (.51 para *a gente*) e as demais localidades favoreceram o uso de *a gente*. As localidades que apresentaram um maior uso de *a gente* nessa faixa etária foram: Curitiba (.70) e Porto Alegre (.66), seguidas por Blumenau, Lages, Chapecó (.58), Pelotas (.56) e Concórdia (.55). A faixa etária de mais de 50 anos, em todas as amostras citadas, desfavoreceu o uso do pronome inovador.

Os resultados de Concórdia na faixa etária de 26 a 49 anos assemelham-se, sobretudo, aos obtido por Borges (2004) em Pelotas (.56), e Tamanine (2002), em Blumenau, Lages e Chapecó (.58). Destacamos que essa autora analisou conjuntamente as três localidades, ou

seja, não apresentou resultados para a faixa etária considerando separadamente cada uma das localidades. Já em Porto Alegre e Curitiba, centros urbanos maiores e mais desenvolvidos, temos um uso mais elevado de *a gente* (.66 e .70, respectivamente) na faixa etária de 26 a 49 anos. Assim, a partir desses resultados, podemos observar que o uso dos pronomes *nós/a gente*, além de influenciado pelo tipo de localidade, é também fortemente condicionado pela faixa etária dos falantes.

Em relação à variável *escolaridade*, selecionada em 7.<sup>a</sup> posição pelo programa estatístico, verificamos o predomínio, embora não muito significativo, no uso do pronome *a gente* pelos falantes com menor nível de escolaridade: nível *fundamental I* (.54) e *fundamental II* (.53); já os falantes com ensino *médio* desfavoreceram o uso desse pronome (.45), apresentando uma maior probabilidade de aplicação de *nós* (.55), conforme podemos observar na tabela 7:

Tabela 7 – Resultados de *nós /a gente* na posição de sujeito – Escolaridade

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
<b>Escolaridade</b>						
- fundamental I	212/460	46	.46	248/460	54	.54
- fundamental II	216/463	47	.47	247/463	53	.53
- ensino médio	342/630	54	.55	288/630	46	.45

Observamos, assim, que esses resultados apontam um maior uso do pronome *a gente* pelos falantes com nível fundamental (I e II) e do pronome canônico *nós* pelos falantes mais escolarizados. No entanto, conforme já salientamos, os pesos atribuídos aos pronomes estão próximos do ponto neutro, indicando que não há uma diferença muito significativa no uso de *nós* e *a gente* nos diferentes níveis de escolaridade.

Assim, nota-se que os níveis de escolaridade *fundamental I* e *II* apresentam praticamente o mesmo uso dos pronomes *nós/a gente*, com um leve predomínio desse último (.54 e .53, respectivamente); já no nível *médio*, o pronome *nós* é mais usado (.55).

A análise dessa variável, a *escolaridade*, tem apresentado diferentes resultados nos trabalhos realizados sobre a variação *nós/a gente*. Omena (2003), no *corpus* Censo do Rio de Janeiro (2000), observou uma influência do nível fundamental II no comportamento dos falantes, pois esse nível favoreceu o uso do pronome *nós* (.78). Já os falantes com nível fundamental I e ensino médio fizeram maior uso do pronome *a gente* (.54 e .73, respectivamente). Segundo a autora:

O uso de *a gente* por *nós* não parece estigmatizado no desempenho oral do falante. Não é o aumento da escolarização que faz recuar o uso de *a gente*, mas o fato de o falante ser das últimas séries do ensino fundamental e talvez ter estudado ou estar estudando as conjugações verbais. Aqui há ainda a considerar influências interacionais, não observadas. (OMENA, 2003, p.67)

Os resultados da escolaridade na amostra de Concórdia também foram diferentes dos obtidos nas análises de Seara (2000), sobre o falar de Florianópolis, e de Tamanine (2010), sobre o falar de Curitiba. Esses estudos apontaram uma mesma tendência no uso de *nós/a gente* em Florianópolis e em Curitiba, cidades em que o nível de escolaridade mais elevado, assim como no Rio de Janeiro, favoreceu o uso da variante *a gente*. Seara verificou que no ensino médio o pronome *a gente* apresentou um peso relativo superior (.56) ao do nível fundamental (.46), contrariando, assim, sua hipótese de que o aumento da escolaridade favoreceria o uso do *nós*. Resultado semelhante foi encontrado por Tamanine na análise dos dados de Curitiba, pois o ensino médio apresentou um maior peso relativo (.57) a favor do pronome inovador *a gente*, e o fundamental I foi o que mais favoreceu o uso de *nós* (.57).

Os resultados de Concórdia, no entanto, assemelham-se parcialmente aos obtidos por Tamanine (2002) na análise de falares do interior de Santa Catarina, que incluíam, dentre outros, dados de Chapecó, cidade próxima de Concórdia. No fundamental II, Tamanine verificou uma maior probabilidade de aplicação do uso de *a gente*, embora próximo do ponto neutro (.52), assim como em Concórdia (.53). Em relação ao fundamental I e secundário, os resultados apresentaram algumas diferenças, pois em Tamanine (2002), o nível fundamental I e o ensino médio apresentaram pesos de .48 e de .50, respectivamente, para *a gente*; já em Concórdia, o uso de *a gente* foi de .54 e .45, para esses mesmos níveis de escolaridade.

A partir desses trabalhos, podemos observar que a variável *escolaridade* apresenta resultados bastante heterogêneos no uso dos pronomes *nós/a gente*, não permitindo que se proponha uma determinada tendência em relação a essa variável. No geral, pode-se dizer que temos, de um lado, resultados que mostram o aumento da escolaridade favorecendo o uso do pronome inovador *a gente* e, de outro, resultados que indicam um favorecimento do pronome canônico e mais formal *nós* pelos falantes com maior escolaridade, conforme verificado nos dados de Concórdia. Porém, cabe salientar que não somente a escola, mas vários outros aspectos relacionados à vida dos falantes podem interferir no uso dos pronomes *nós/a gente*, pois o ambiente de trabalho, a família, os amigos, e os demais espaços sociais de interação, fatores não mensuráveis, geralmente têm reflexos na fala dos indivíduos de uma determinada comunidade.

## Considerações finais

A partir da análise da variação pronominal *nós/a gente* em posição sujeito no falar de Concórdia (SC), realizada no âmbito deste trabalho, pôde-se verificar as principais tendências desse falar em relação a essa variável.

Em relação aos fatores linguísticos, os resultados de nossa análise relativos à *determinação do referente*, variável selecionada como a mais significativa pelo programa estatístico, confirmaram a tendência geral verificada em outros estudos sobre a variação *nós/a gente*, ou seja, mostraram que o pronome *a gente* predomina largamente em contextos de *indeterminação* (.83) e que contextos de *determinação* favorecem o pronome conservador *nós* (.56). Considerando-se os pronomes *determinados*, verificou-se que a diferença na probabilidade de uso de *nós/a gente* não é muito elevada (.56 e .44, respectivamente), indicando um avanço do pronome inovador também nesse contexto. No falar de Concórdia, portanto, o pronome *a gente*, além de predominar largamente com referente *indeterminado*, contexto que propiciou sua entrada no sistema pronominal, já apresenta um uso próximo àquele do pronome *nós* na *determinação*.

Também confirmaram algumas tendências já verificadas em outros trabalhos, os resultados relativos ao *tempo verbal*, selecionado em 2.<sup>a</sup> posição na análise de *nós/a gente*: o *presente*, tempo considerado mais propício à *indeterminação*, favorece o *a gente* (.58), enquanto o *pretérito perfeito*, mais utilizado em contextos *determinados*, favorece o *nós* (.74). A influência da referência semântica do sujeito (*determinado/indeterminado*) ainda pode ser observada nos resultados relativos ao *tipo de texto*, pois esses apresentam um predomínio do pronome *a gente* nos textos *dissertativos*, e é justamente na *dissertação*, quando o falante expõe suas opiniões sobre determinado assunto, que se pressupõe uma maior tendência à *indeterminação* do sujeito.

Em relação à *faixa etária*, embora tenhamos considerado em nossa amostra somente falantes de 26 a 45 anos e de mais de 50 anos, verificamos que o pronome inovador *a gente* apresentou uma probabilidade de uso um pouco mais elevada (.55) na fala dos mais jovens, indicando uma provável mudança em curso; já o pronome *nós* predominou na faixa etária *mais velha* (.55).

A partir dessa análise dos dados de Concórdia pode-se dizer, portanto, que os resultados parecem apontar para uma mudança em tempo aparente, pois, além de *a gente* já fazer parte da gramática de todos os falantes da comunidade linguística estudada, os falantes *mais jovens* de nossa amostra apresentam um maior uso desse pronome. Também o fato de a

forma inovadora *a gente*, usada principalmente em contextos de *indeterminação*, já apresentar um uso significativo como pronome *determinado* no falar de Concórdia parece sinalizar uma mudança em curso.

## Referências

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: Análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas.** 2004. 227f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC.** 2011. 253f. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, C. R. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. São Paulo: **DELTA**, v. 14, n. 2, p. 405-422. 1998.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural.** 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDONÇA, A. K. **Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba.** Vitória, 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MENON, O. P. S. A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL. In: Paulino Vandresen. (Org.). **Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul.** Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006, p.125-167.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.185-215.

\_\_\_\_\_. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.310-323.

\_\_\_\_\_. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 63-80.

PINTZUK, Susan. **VARBRUL Programs**. 1988. Inédito.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon: Estudos da língua falada**. Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28/29, p.179-194, 2000.

TAMANINE, A. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

\_\_\_\_\_. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba**. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, A. M. S.O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007.

Artigo recebido em: 29/08/2015

Artigo aceito em: 02/12/2015

Artigo publicado em: 28/12/2015